

**A VIOLÊNCIA ESTRUTURAL DOS CONFLITOS PÓS-COLONIALISTAS  
DESCONSIDERADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA:  
REFUGIADOS Á DERIVA NO MAR EUROPEU<sup>12</sup>**

**THE STRUCTURAL VIOLENCE OF POST-COLONIAL CONFLICTS  
IGNORED BY THE MASS MEDIA: REFUGEES ADRIFT IN EUROPEAN SEA**

**Debora Regina Pastana<sup>3</sup>**

**Resumo:** O objeto de análise desta reflexão é o tratamento midiático dado ao aumento de refugiados oriundos dos conflitos pós-colonialistas em países como Líbia e Síria. Nesses países tensões oriundas dos novos arranjos de poder decorrentes do processo de descolonização produzem, por razões de sobrevivência, uma recente e dolorosa diáspora. Contudo, partimos da hipótese de que a informação desse tipo de deslocamento forçado é muitas vezes revestida apenas de caráter humanitário e associado a temas como pobreza, segurança nacional e diplomacia, desconsiderando, por sua vez, sua conotação política, historicamente permeada por conflitos e domínios imperialistas. Em uma perspectiva teórico-metodológica que busca dialogar com as reflexões sociológicas de Rodney Benson e Stuart Hall, entre outros, o presente artigo objetiva oferecer um enfoque crítico às reflexões sobre o hegemônico tratamento midiático direcionado à violência estrutural sofrida no momento atual pelos imigrantes à deriva.

**Palavras chave:** Direitos Humanos; Meios de Comunicação de Massa; Refugiados; Pós-colonialismo; Violência Estrutural.

**Abstract:** The object of analysis of this reflection is the mediatic treatment given to the increase of refugees from post-colonial conflicts in countries such as Libya and Syria. In these countries tensions arising from the new power arrangements resulting from the process of decolonization produce, for reasons of survival, a recent and painful diaspora. However, we defend the hypothesis that information of this type of forced displacement is often only humanitarian and associated with issues such as poverty, national security and diplomacy, in turn disregarding its political connotation,

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 27 de setembro de 2016 e aprovado em 28 de agosto de 2017.

<sup>2</sup> Este breve estudo foi apresentado no IV Congreso de la Internacional del Conocimiento: Ciencias, Tecnologías y Culturas, promovido pela Universidad de Santiago de Chile (USACH), entre os dias 9 e 12 de outubro de 2015, com o tema "Diálogo entre las disciplinas del conocimiento. Mirando al futuro de America Latina y Caribe. Trata-se de uma aproximação inicial com o debate pós-colonialista, enquanto referencial teórico-metodológico, assim como um começo de reflexão sobre a interseção dos temas migração e violência. Realizado especialmente para o Simposio 19 - Migraciones, medios de comunicación y procesos de construcción de identidad - Siglos XIX, XX, XXI, este estudo representa também o reconhecimento, por parte da autora, de que seja qual for o objeto de análise da Sociologia Contemporânea, ela, enquanto Ciência, só ampliará seu horizonte reflexivo se estiver pronta para ouvir e compreender as narrativas daqueles que historicamente foram calados e invisibilizados.

<sup>3</sup> Doutora e Mestra em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora adjunta do Instituto de Ciências Sociais (INCIS/UFU) e do corpo permanente de docentes do Programa de Pós-Graduação em Direito Público da UFU. Coordenadora científica do Grupo de Estudos sobre Violência e Controle social (GEVICO). [www.gevico.sociais.ufu.br](http://www.gevico.sociais.ufu.br).

historically permeated by conflicts and imperialist domains. In a theoretical-methodological perspective that seeks to dialogue with the sociological reflections of Rodney Benson and Stuart Hall, among others, the present article aims to offer a critical approach to the reflections on the hegemonic mediatic treatment directed to the structural violence suffered now by the immigrants to the drift.

**Keywords:** Human Rights; Mass Communication; Postcolonialism; Refugees; Structural Violence.

## 1. Introdução

Os anos de 2014 e 2015 seguiram marcados por inúmeras notícias jornalísticas<sup>4</sup> acerca do intenso fluxo migratório de milhares de pessoas oriundas de países como Líbia, Ucrânia, Iraque e Síria. Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), ao menos 3.419 imigrantes perderam a vida no mar Mediterrâneo no ano de 2014 (Folha de São Paulo, 10/12/2014). “De acordo com a entidade, nunca havia sido registrado um número tão grande de mortos. O Acnur classificou a região como a ‘estrada mais mortal do mundo’”. (Folha de São Paulo, 10/12/2014). Ainda segundo a reportagem citada, desde o início de 2014, “207 mil pessoas tentaram atravessar o Mediterrâneo em busca de uma *vida melhor* na Europa” (*grifo nosso*) (Folha de São Paulo, 10/12/2014). Embora sempre constante a preocupação com a segurança interna dos países europeus, muitas dessas notícias dão prevalência ao apelo humanitário, buscando sensibilizar a opinião pública mundial acerca das terríveis condições de vida desses migrantes em seus países de origem. Busca-se também justificar o deslocamento, uma vez que tais condições tornam a vida desses migrantes insuportável.

Assim, apresenta-se como de fundamental importância questionar o fato de que, adaptando-se aos interesses políticos hegemônicos, a cobertura midiática ocidental preponderante desconsidera a responsabilidade política de muitos países europeus pela conjuntura dramática vivida pelos migrantes forçados. Mais ainda, faz questão de invisibilizar a colonialidade<sup>5</sup> do poder, silenciando a respeito da condição de

---

<sup>4</sup> Nesse artigo os meios de comunicação de massa abordados são essencialmente os jornais impressos de grande circulação, que também possuem versões *online*.

<sup>5</sup> Roland Walter, a partir da perspectiva teórica de Anibal Quijano, explica que “a colonialidade do poder abrange: a) o conflito de epistemes culturais e estruturas de poder dentro de um processo histórico; b) a experiência (e noção) da diferença cultural como condição de subalternidade que oscila entre alienação e potencialização; c) a categorização hierárquica das regiões e populações mundiais pela hegemonia ocidental; d) o papel da mídia, da ideologia, do sistema educacional e do Estado no estabelecimento desta hierarquia dentro de cada nação e entre nações; e) a (re)invenção/(re)apropriação de lugares e espaços

subalternidade que esses migrantes vivenciam. Nesse sentido, inserida nas recentes reflexões pós-colonialistas<sup>6</sup> que estabelecem um olhar contra hegemônico e, principalmente, atento à interpretação subalterna, para diversos temas atuais, esse texto propõe analisar a recente onda de migração forçada que tem ocupado a atenção midiática de forma bastante questionável.

Tocante quando morre em um naufrágio, preocupante quando perturba a ordem pública, o estrangeiro sempre turbinha a audiência. Tanto na França como nos Estados Unidos, a cobertura da imigração foca cada vez mais questões humanitárias e de segurança, respondendo em geral às exigências do calendário político (BENSON, 2015, p. 27).

Com esse subtítulo, Rodney Benson, na edição de maio de 2015 do jornal *Le Monde Diplomatique* Brasil, explicita de forma bastante contundente o que aqui também se pretende problematizar. Na verdade, pode-se dizer que esse artigo foi a provocação teórica inicial para que o tema fosse discutido, na medida em que ali estão presentes os questionamentos principais dessa análise. Também como referencial metodológico, aqui voltado mais para os estudos sobre os meios de comunicação, Benson nos alerta para um aspecto muito importante sobre o hegemônico conteúdo jornalístico atual, vale dizer, ele destaca o alinhamento midiático cada vez mais refinado e sutil desse setor com os interesses políticos e econômicos dos Estados dominantes e seus líderes políticos.

Nos jornais de grande circulação do Ocidente manchetes privilegiando aspectos humanitários inundam o noticiário europeu e norte-americano, construindo um senso comum acrítico acerca das motivações dessa atual conjuntura conflitiva e desumana. Em seus editoriais, textos resumidos que dão ênfase as mazelas vividas pelos

---

neste mapeamento (trans)nacional; f) os fluxos erráticos de capital e de seres humanos entre os mercados 'livres' que compõem o sistema capitalista nas diversas fases de sua globalização" (WALTER, 2012, p 138). Assim, podemos dizer que as migrações forçadas tratadas aqui são expressões dessa colonialidade, pois são constantemente interpretadas por uma cultura hegemônica que desconsidera a condição de subalternidade dessas identidades diluídas no processo histórico de dominação que vivenciaram e cujas consequências ainda vivem.

<sup>6</sup>Como didaticamente explica Stuart Hall, "(...) o termo 'pós-colonial' não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a 'colonização' como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural - e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou 'global' das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do 'aqui' e 'lá', de um 'então' e 'agora', de um 'em casa' e 'no estrangeiro'. (...) Como Mani e Frankenberg afirmam, o 'colonialismo', como o 'pós-colonial', diz respeito às formas distintas de 'encenar os encontros' entre as sociedades colonizadoras e seus 'outros'". (HALL, 2009, p. 109). Para esse artigo tal conceito se mostra pertinente na medida em que os deslocamentos forçados representam uma variação contemporânea de certo tipo de violência resultante da destruição da subjetividade desses migrantes. Oriundos de países devastados politicamente, economicamente e culturalmente por processos de independências turbulentas, após décadas de exploração imperialista, tais migrantes pouco guardam de suas memórias indenitárias, subjugados às relações de poder da Europa e Estados Unidos em relação a todo o resto do mundo.

refugiados<sup>7</sup> ocultam a enorme violência estrutural perpetrada pelos grupos que disputam o poder nesses países. Importante frisar que tal violência é facilitada pela omissão política internacional e também pelo silêncio dos meios de comunicação de massa que continuam a tratar do tema de forma fraturada.

Syrie: la « barbarie » et l'« inhumanité » du régime dénoncée sa près les raids meurtriers sur Douma(Le mond, 17/08/2015).

4 millions de réfugiés autour de la Syrie (Le figaro,09/07/2015).

Humanitarian conditions worsen in Syria as more civilians killed (The Washington Post, 20/08/2015).

At least 40 migrants suffocated, died aboard boat in Mediterranean Sea (The Washington Post, 15/08/2015).

'Migration season' in the Mediterranean means watery graves for potentially thousands (The Washington Post, 15/04/2015).

More Than 4 Million Have Fled Syria, U.N. Says (The New York Times, 09/07/2015)

Facing Europe's Refugee Tragedy (Kauffmann, The New York Times, 22/06/2015)

Essa última matéria jornalística, publicada em jornal emblemático da opinião pública norte-americana, demonstra com clareza o entendimento consolidado sobre os recentes movimentos migratórios oriundos dos conflitos na África e no Oriente Médio. Para a correspondente Sylvie Kauffmann, a grande tragédia é que “the drama of hundreds of thousands of people on the move, risking their lives on the Mediterranean, is now a European story. And as it unfolds before our eyes, we have no clear idea of what to do”<sup>8</sup>. Como se nunca antes a história dessas pessoas tivesse sido europeia. A invisibilidade é tão flagrante que para a correspondente eles passaram a existir somente agora no cenário europeu. Como num passe de mágica esses indivíduos que sofrem e morrem passaram a interferir na vida dos bem afortunados habitantes da Europa. Ainda narrando o drama vivido pelos refugiados, a correspondente é enfática em nomeá-lo de tragédia:

(...) suddenly, the human tragedy was there for all Europeans to see: rickety boats, capsizing every day; refugees drowning by the hundreds. So far this year, at least 1,868 people have died or disappeared in the Mediterranean, compared with 448 in the same period last year.<sup>9</sup>(KAUFFMANN, The New York Times, 22/06/2015)

---

<sup>7</sup> “Um refugiado ou uma refugiada é toda pessoa que por causa de fundados temores de perseguição devido à sua raça, religião, nacionalidade, associação a determinado grupo social ou opinião política, encontra-se fora de seu país de origem e que, por causa dos ditos temores, não pode ou não quer regressar ao mesmo” (ACNUR/ONU, s/d). Resumidamente essa é a definição presente na Convenção de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados.

<sup>8</sup> Em livre tradução: “o drama de centenas de milhares de pessoas em movimento, arriscando suas vidas no Mediterrâneo, é agora uma história europeia. E como ela se desenrola diante de nossos olhos, nós não temos nenhuma idéia clara do que fazer”.

<sup>9</sup> Em livre tradução: “De repente, a tragédia humana estava lá para todos os europeus olharem: barcos frágeis, naufrágio todos os dias; afogando refugiados às centenas. Até agora este ano, pelo menos 1.868

Como se observa, para ela tudo aconteceu de repente. E o pior, trata-se apenas de uma tragédia humana e não de um genocídio orquestrado pela omissão sistemática dos países europeus em assumir suas responsabilidades políticas, não apenas em razão de seus históricos domínios nas regiões em conflito, mas também pelos acordos internacionais que assinaram e que estabelecem obrigações<sup>10</sup> para com os refugiados.

No Brasil não é diferente. A cobertura jornalística hegemônica sobre o recente e forçado fluxo migratório rumo à Europa, além de reproduzir matérias estrangeiras, também destaca aspectos humanitários sinalizando principalmente para a miséria e para os trágicos naufrágios cada vez mais frequentes nesses deslocamentos. Também sinaliza para a preocupação da União Europeia (EU) com a segurança interna, noticiando as várias medidas de controle migratório, sugeridas ou adotadas. Manchetes alarmistas e artigos sucintos resumem a forma como a predominante imprensa nacional divulga o tema:

Itália busca sobreviventes de mais dois naufrágios no Mediterrâneo (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, 20/04/2015).

Mais de 5.800 imigrantes são resgatados no mar Mediterrâneo (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, 03/05/2015).

UE pede ação militar contra imigração ilegal pelo mar Mediterrâneo (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, 11/05/2015).

Naufrágio deixa 400 imigrantes africanos desaparecidos no Mediterrâneo (Folha de São Paulo, Caderno Mundo, 14/05/2015).

Naufrágio no mediterrâneo mata nove imigrantes palestinos e sírios. (Estado de São Paulo, Caderno Internacional, 19/08/2015)

Refugiados sírios chegam a 4 milhões, diz ONU. (Globo, Caderno Mundo, 09/07/2015)

Comissão Europeia: crise de refugiados no Mediterrâneo é a maior desde a 2ª Guerra (O Globo, Caderno Mundo, 14/08/2015).

Cerca de 200 imigrantes podem ter morrido na mais recente tragédia no Mediterrâneo (O Globo, Caderno Mundo, 06/08/2015).

Tsunami migratória: Mais de 103 mil refugiados chegaram à Europa pelo Mediterrâneo em 2015 (O Globo, Caderno Mundo, 09/06/2015).

Essa última matéria jornalística, assinada por Marina Gonçalves e Carolina Lima, usa como metáfora para o deslocamento forçado a fúria natural de um tsunami. Além da infeliz comparação, destaca a xenofobia europeia materializada na luta dos

---

peças morreram ou desapareceram no Mediterrâneo, em comparação com 448 no mesmo período do ano passado”.

<sup>10</sup>A Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 são os principais instrumentos internacionais estabelecidos para a proteção dos refugiados e seu conteúdo é altamente reconhecido internacionalmente. Segundo a ACNUR, “em novembro de 2007, o número total de Estados signatários da Convenção era de 144 – o mesmo número de signatários do Protocolo de 1967. O número de Estados signatários de ambos os documentos é de 141. O número de Estados signatários de um ou outro documento é de 147”. Entre as cláusulas está presente “o chamado princípio de *non-refoulement* (‘não-devolução’), o qual define que nenhum país deve expulsar ou ‘devolver’ (*refouler*) um refugiado, contra a vontade do mesmo, em quaisquer ocasiões, para um território onde ele ou ela sofra perseguição. Ainda, estabelece providências para a disponibilização de documentos, incluindo documentos de viagem específicos para refugiados na forma de um ‘passaporte’”. (ACNUR, s/d)

países para conter a imigração em detrimento da proteção dos direitos dos refugiados (que não podem ser confundidos com imigrantes ilegais). Mesmo apontando tal injustiça social, a matéria não sinaliza para a responsabilidade política dos países europeus na solução mais imediata para esse problema que é o asilo político desses que fogem das agruras em seus locais de origem. A questão não é humanitária, é política. Os sírios não precisam de ajuda desses países, querem, ao contrário, que aqueles que contribuíram para o problema não fujam da responsabilidade no momento de tentar encontrar uma solução ética e pacífica.

Assim, em uma abordagem metodológica que dialoga ao mesmo tempo e de forma relacional com a crítica frankfurtiana e com os estudos pós-colonialistas este artigo procura criticamente desenvolver um estudo analítico da informação sobre o fluxo migratório forçado que atualmente vivenciamos. O objetivo é aprofundar um pouco mais a análise e desconstruir a ideia de que o problema é simplesmente humanitário, evidenciando seu caráter essencialmente político. Como bem observa Adorno (1986, p. 97-98):

Através da ideologia da indústria cultural, o conformismo substitui a consciência; jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens. [...]Que a indústria cultural não se preocupe mais com tal fato, que ela venda a ordem in abstracto, isso apenas atesta a impotência e a carência de fundamento das mensagens que ela transmite. Pretendendo ser o guia dos perplexos, e apresentando-lhes de maneira enganadora os conflitos que eles devem confundir com os seus, a indústria cultural só na aparência os resolve, pois não lhe seria possível resolvê-los em suas próprias vidas.

Enfim, o caráter ideológico da informação midiática hegemônica não está apenas na forma fraturada e superficial com a qual expõe a notícia. Não se objetiva apenas esconder elementos do grande público consumidor, mas principalmente homogeneizar a compreensão acerca dos fatos e produzir conformismo. Isso sim imobiliza qualquer transformação.

## **2. O que silenciaram?**

Ainda que não esteja errado o diagnóstico midiático de miséria e perseguição violenta, ele é no mínimo superficial, pois desconsidera o fundamental, vale dizer, a origem de tais condições, os motivos para a precarização extrema da vida nesses locais.

(...)os meios de comunicação se concentraram nos sofrimentos humanos e na repressão policial, sem verdadeiramente questionar as causas da imigração. Ora, esse fenômeno necessita mais do que nunca de um amplo debate público, a única maneira de levar a uma política adequada. É preciso,

portanto, saber quais são os pontos cegos na maneira como ela é tratada (BENSON, 2015, p. 27).

Certamente abordagem humanitária pode ser sedutora, principalmente quando envolve fotos<sup>11</sup> ou filmagens de embarcações precárias com refugiados sujos e famintos, porém não permite captar as principais causas do fenômeno migratório. Muitas vezes a dor pode mesmo estar estampada nos retratos e nas falas de alguns entrevistados, mas o leitor (ou telespectador) continua a ignorar como essas pessoas chegaram a tal condição e, principalmente, quem são os responsáveis pelo contexto. Como bem assevera Benson (2015, p. 27):

Além de se interessar pelas dificuldades dos imigrados, um jornalismo digno desse nome deveria analisar de que maneira a organização econômica mundial, assim como a política estrangeira, comercial e social de países ocidentais como os Estados Unidos e a França, torna inevitável a emigração dos países do Sul para os do Norte. Por que, como o sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad gostava de lembrar, a imigração é antes de tudo uma emigração.

Como nos alerta Medina (2008, p. 78), no campo jornalístico “encontram-se poucos autores de visão complexa em meio a um oceano fragmentário de diluidores do factual imediato”. Nesse sentido é fundamental entender os reais motivos que desencadearam uma fuga em massa desses sujeitos de sua terra natal. Por certo que o contexto político turbulento não é fruto de uma fatalidade e quando buscamos as origens históricas dos conflitos ali vividos podemos claramente visualizar a violência estrutural associada ao passado imperialista da região.

A Síria<sup>12</sup>, por exemplo, de território inicial controlado pelos franceses, no início do Século XX, depois de sua independência em 1946, passou por variados processos turbulentos de disputa de poder. Composta por uma maioria formada por muçulmanos sunitas (aproximadamente 70% da população), e por uma série de

---

<sup>11</sup> Nem mesmo a foto do menino sírio de 3 anos, Aylan Kurdi, encontrado morto em uma praia da Turquia, foi capaz de estimular um debate midiático mais fecundo. O retrato tirado pelo fotógrafo Nilüfer Demir, e divulgado pela agência de notícias turca DHA no dia 02/09/2015, passou a ser considerado “emblema da crise migratória” na Europa, mas foi incapaz de reverter os esforços políticos europeus voltados a conter a massa migratória. Por outro lado, líderes religiosos e cidadãos europeus, de várias nacionalidades, comovidos com a imagem e por meio de apelos de solidariedade, passaram a questionar a rigidez de seus países no trato com a imigração.

<sup>12</sup>A República Árabe da Síria, com a configuração política que conhecemos atualmente, é o resultado do Acordo Sykes-Picot (1916), em que britânicos e franceses dividiram entre si os territórios do antigo Império Otomano. Em 1920, a França adquiriu um Mandato sobre a região e a controlou até 1946, sufocando culturalmente as disparidades étnicas e religiosas presentes ali. Para mais informações confira: RAMOS, Cátia Filipa de Oliveira. **A primavera árabe no Egito e na Síria: Repercussões no conflito Israelo-Palestiano**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Relações Internacionais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.

minorias (cristãos, alauitas, drusos, xiitas, etc.), o país atravessa hoje uma profunda crise política desencadeada pela tão propagandeada “primavera árabe” em 2011.

Desde sua independência, em 17 de abril de 1946, a história política da Síria foi marcada por eventos importantes. No âmbito local, a disputa de poder pelo controle do país gerou uma série de golpes e contragolpes até 1971. De 1946 a 1958 a República da Síria foi governada por dez presidentes. Nasser foi o presidente da República Árabe Unida (RAU), durante a existência desta, de 1958 a 1961, resultado da união entre Egito e Síria. Com o fim da RAU em 1961 o partido Baath Sírio teve papel fundamental para a transformação política da Síria, sendo que em 1963 efetivamente toma o poder no país, e em 1964 muda o nome do Estado para República Popular da Síria, reforçando o caráter Pan-arabista e socialista daquele Estado. De 1961 a 1970 o país também sofre com os golpes militares, e sete presidentes ocuparam o cargo mais alto do executivo Sírio. Por fim, em 22 de fevereiro de 1971, o oficial da aeronáutica, com fortes laços com a União Soviética, Hafez al Assad, toma o poder por meio de outro golpe militar. Porém, ao contrário dos antecessores, consegue manter-se no poder até 10 de junho de 2000, ano de sua morte. A transição política de seu governo foi feita através de seu filho, Bashar al Assad, naquele mesmo ano, permanecendo no poder até os dias de hoje (Zahreddine, 2013, p. 11/12).

O governo de Bashar Al-Assad procurou ganhar legitimidade ao passar a imagem de um líder modernizador e reformista, porém sua conduta política manteve-se autoritária, materializada principalmente na utilização da violência como instrumento para arrefecer movimentos políticos contrários ao regime por ele imposto. Foi por meio do controle truculento da sublevação popular de 2011 que a Síria se tornou palco das mais violentas e sangrentas manifestações no Oriente Médio.

Como se observa, o conflito interno vivenciado pela Síria atualmente, nos desdobramentos da “primavera árabe”, não só sinaliza disputas políticas residuais ao processo de descolonização, como também um desrespeito colossal às convenções internacionais destinadas a proteger os direitos humanos fundamentais, materializado em perseguição política, tortura, miséria e genocídio.

Nesse sentido é fundamental destacar o desabafo da subsecretária-geral de Assuntos Humanitários da ONU, Valerie Amos, que, ao fazer referência exatamente ao descaso político internacional com a situação caótica que vive o país no momento, questiona: “Alguém se importa com a Síria?” (AMOS, 16/04/2015).

(...) não consigo acreditar que o mundo continue observando, enquanto esta crise e suas consequências devastadoras se desenrolam. Mais de 220 mil pessoas foram mortas e cerca de 8 milhões estão desalojadas. Nas últimas semanas, mais de 100 mil pessoas foram para Idlib e áreas do noroeste da Síria para fugir da violência, ao mesmo tempo em que escolas, hospitais e lojas em torno delas fecharam. No campo de refugiados de Yarmuk, em Damasco, palestinos estão presos em meio aos combates. São os sírios comuns que estão sofrendo. Suas casas são bombardeadas, eles são torturados e se encontram sem comida, água e assistência médica. Famílias foram destroçadas. Comunidades, destruídas. Visitei a Síria sete vezes e conversei com refugiados sírios nas várias viagens que fiz a Líbano, Jordânia, Iraque e



Turquia. Durante cada visita, a pergunta era sempre a mesma: por que o mundo nos abandonou? Por que ninguém se importa? Essas questões não são dirigidas às organizações que realizam o trabalho humanitário, mas aos nossos líderes e, particularmente, aos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. (AMOS, 16/04/2015).

De fato, até março de 2016 mais de 5 milhões de sírios<sup>13</sup> encontravam-se na situação de refugiados e 312 mil pessoas já haviam morrido desde o início da revolta na Síria contra o regime de Bashar al-Assad, conforme anúncio da ONG Observatório Sírio dos Direitos Humanos<sup>14</sup> (OSDH).

Atualmente o conflito sírio já soma mais de seis anos e o regime de Assad mantém-se truculento e arbitrário. A mídia internacional hegemônica não aborda a continuidade violenta de seu regime, preferindo apenas diagnosticar a miséria extrema e o êxodo dramático.

Importante frisar que o conflito sírio permanece intenso e aniquilador graças, principalmente, ao impasse político entre os Estados Unidos e a Rússia que não se resume a permanência ou não do presidente Bashar al-Assad, ainda no cargo.

O caso Sírio é importante, pois desde o fim da Guerra Fria, não se via uma disputa tão acirrada entre os Estados Unidos da América e a Federação Russa, em função da guerra civil naquele país. Em virtude da defesa que os russos fazem da Síria, ameaçando vetar resoluções no Conselho de Segurança, ou mesmo afirmando que um ataque estadunidense, sem uma Resolução das Nações Unidas, poderia suscitar um apoio mais evidente por parte dos russos, que se percebe a importância desta disputa para o equilíbrio de poder regional e mundial. O que está em jogo não é simplesmente a deposição ou não de um ditador de seu posto, mas sim, compreender os prováveis resultados desta barganha política para o equilíbrio de forças (...) (ZAHREDDINE, 2013, p. 18).

Em meio a esse impasse, a União Europeia reage contrariada e não avança na tentativa de orquestrar uma política comum de imigração e asilo. Ao contrário, tem buscado estratégias para retardar medidas emergenciais de acolhimento aos

---

<sup>13</sup>“A maior parte dos refugiados sírios estão nos países vizinhos. Cerca de três milhões estão registrados na Turquia, o maior país de refugiados do mundo até o final de 2015, de acordo com a ONU; Um milhão fugiu para o Egito, o Iraque ou a Jordânia. O Líbano recebeu mais de um milhão de sírios desde o início do conflito e tornou-se o país com o maior índice de refugiados por habitante - 183 por 1.000 habitantes. Centenas de milhares de sírios também viajaram para a Europa - o que em 2016 registrou quase 340 mil pedidos de asilo de cidadãos sírios - embora nem todos tenham obtido proteção internacional” (FEMMINE, 2017).

<sup>14</sup>“Ninguém sabe exatamente quantos mortos a guerra na Síria já causou. As Nações Unidas suspenderam a contagem do número de mortos no final de 2014. Até então, o número da ONU era de 250 mil mortos. Em abril, o enviado especial da ONU para a Síria, Staffan de Mistura, elevou o número para 400 mil. Para esclarecer (ou ampliar à confusão)”, em dezembro de 2016, “o Observatório Sírio dos Direitos Humanos lançou um novo levantamento de, 312 mil mortos (149 mil civis e 16 mil crianças)” (Galan; Abad; Vilar, 2016). Para mais informações sobre o tema, confira os dados disponíveis em <http://www.syriahr.com/en>. Acesso em 02 de set.2017.

refugiados, além de privilegiar uma postura mais ostensiva quanto ao controle da imigração ilegal, muitas vezes confundindo propositadamente as duas situações.

Mesmo o tom humanitário das notícias sobre a dolorosa, e muitas vezes mortal, migração forçada desses refugiados não sensibiliza aqueles que deveriam tomar providências emergenciais. Tal negligência também parece não interessar o jornalismo de massa internacional.

Depois de muita resistência dos países europeus em acordar medidas emergenciais sobre o tema, em maio de 2015 a Comissão Europeia apresentou uma “agenda europeia em matéria de migração”, pedindo aos membros da União que compartilhassem 40.000 refugiados entre si de acordo com quotas pré-determinadas. A ideia foi rapidamente rejeitada por vários países (ABELLÁN, 2015).

Naquele momento muitos países europeus ainda preferiam lutar isoladamente para interromper o crescente “contrabando de migrantes”<sup>15</sup> pelo globo. Essa foi inclusive a fala do ministro da Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha, Gerd Müller. Em entrevista ao jornal Deutsche Welle, o ministro sugeriu a criação de uma missão liderada pelas Nações Unidas e União Africana (UA) para conter o tráfico de imigrantes e declarou: “Os líderes africanos devem ser lembrados de suas obrigações de deter o êxodo de seus países” (Deutsche Welle, 18/08/2015).

Em agosto de 2015 a França e Reino Unido também fecharam um acordo para combater a imigração ilegal.

O Reino Unido está enviando policiais a Calais, no norte da França, em uma ação conjunta com autoridades francesas no mais recente esforço dos países para conter o fluxo de imigrantes ilegais. A medida também procura deter a ação e grupos criminosos e traficantes de humanos na região. (Estado de São Paulo, 20/08/2015).

Por fim, em março de 2016 os 28 países da União Europeia e primeiro-ministro turco, Ahmet Davutoglu, fecharam o famoso “pacto da vergonha” que, contrariando mais uma vez os acordos internacionais de proteção aos refugiados, tem provocado o

---

<sup>15</sup> Isso fica claro também na declaração do Conselho Europeu em reunião extraordinária realizada em 23 de abril de 2015, pouco antes da apresentação da “agenda europeia em matéria de migração” pela Comissão Europeia. Na declaração afirmou-se que “a União Europeia mobilizará todos os meios à sua disposição para impedir que mais vidas se percam no mar e para combater as causas profundas da situação de emergência humanitária que enfrentamos, em cooperação com os países de origem e de trânsito. A nossa prioridade imediata é impedir que morra mais gente no mar. (...). Decidimos por isso reforçar a nossa presença no mar, combater os traficantes, prevenir os fluxos de migração ilegal e fortalecer a solidariedade e a responsabilidade a nível interno. (...) Comprometemo-nos hoje a reforçar a nossa presença no mar, combater os traficantes em conformidade com o direito internacional, evitar os fluxos de migração ilegal, reforçar a solidariedade e a responsabilidade a nível interno” (*grifo nosso*). (Conselho da União Europeia, 2015)

fechamento das fronteiras e a redução das possibilidades de exercer o direito de pedir asilo. (PERÉZ; ABELLÁN, 2016b).

O pacto prevê que refugiados que cheguem à Grécia de forma ilegal sejam enviados de volta ao território turco para que nesse país se adote os procedimentos de asilo. Em contrapartida, a Turquia recebe compensações políticas (como, por exemplo, a isenção de visto para os turcos que quiserem viajar aos países da União Europeia) e financeiras (3 bilhões de euros destinados, em tese, para implementar o processo de acolhimento dos refugiados). (PERÉZ; ABELLÁN, 2016a). Por certo que grande parte dos refugiados não poder chegar na Grécia de maneira legal, pois estão fugindo! Assim, esse pacto, na verdade, faz uma faxina social na União Europeia, já no seu quintal que é a Grécia. O faxineiro contratado é a Turquia.

Nem é preciso dizer que o silêncio midiático sobre esse acordo e suas terríveis consequências é ensurdecedor.

Importante ressaltar que mesmo a ajuda humanitária é pensada por esses países apenas como envio de dinheiro para criação e manutenção de campos de refugiados. O movimento é de dentro para fora. Busca-se, ainda na “ajuda”, um meio de expurgar o problema. Os campos de refugiados, por exemplo, situam-se nas margens das cidades em conflito. São espaços de exceção. Acampamentos provisórios que são também “dispositivos policiais, alimentares e sanitários eficazes para o tratamento das massas vulneráveis” (AGIER, 2006, p. 199). Nesses não-lugaresse “as vítimas são mantidas num mínimo de vida, isto é, segundo normas nutricionais de simples sobrevivência, elas também estão sob controle” (AGIER, 2006, p. 199).

Aliás, pode-se pensar que esse aspecto provisório e inacabado da gestão da vida na urgência, assim como o tratamento sistemático pelo humanitário dos estragos humanos das políticas guerreiras ou excludentes e a colocação sob controle das populações indesejáveis, tem um caráter experimental para o conjunto da sociedade. As técnicas de tratamento e de controle aplicadas nesses espaços de exceção podem ser transferidas e servir para administrar todo tipo de “restos” do sistema econômico e social mundial (AGIER, 2006, p. 201).

Condenados a *vida nua*<sup>16</sup>(AGAMBEN, 2007) muitos encaram a odisseia da migração clandestina buscando condições dignas de vida de forma permanente. Aqueles

---

<sup>16</sup>Giorgio Agamben(2007, p), fazendo referência ao pensamento filosófico da Antiguidade clássica, que diferenciava o simples fato de viver da vida politicamente qualificada, nos apresenta um panorama de como o poder se constrói no Ocidente modernose apropriando, de certa maneira, dessa divisão e estabelecendo domínios a partir da previsão normativa da exclusão de direitos, ou seja, do reconhecimento jurídico de despojados de garantias e prerrogativas, sendo, portanto, descartáveis. Isso fica particularmente claro para o autor quando analisa os campos de concentração modernos.

que conseguem chegar ao continente europeu encontram descaso, xenofobia e agora, depois do pacto da vergonha, expulsão.

A separação entre humanitário e político, que estamos hoje vivendo, é a fase extrema do descolamento entre os direitos do homem e os direitos do cidadão. As organizações humanitárias, que hoje em número crescente se unem aos organismos supranacionais, não podem, entretanto, em última análise, fazer mais do que compreender a vida humana na figura da vida nua ou da vida sacra, e por isto mesmo mantêm a contragosto uma secreta solidariedade com as forças que deveriam combater. É suficiente um olhar sobre as recentes campanhas publicitárias para arrecadação de fundos para os refugiados de Ruanda, para dar-se conta de que a vida humana é aqui considerada (e existem aí certamente boas razões para isto) exclusivamente como vida sacra, ou seja, matável e insacrificável, e somente como tal feita objeto de ajuda e proteção. Os “olhos suplicantes” do menino ruandês, cuja fotografia se desejaria exibir para obter dinheiro, mas que “agora está se tomando difícil encontrar vivo”, são o índice talvez mais significativo da vida nua no nosso tempo, da qual as organizações humanitárias têm necessidade em proporção exatamente simétrica a do poder estatal. O humanitário separado do político não pode senão reproduzir o isolamento da vida sacra sobre o qual se baseia a soberania, e o campo, isto é, o espaço puro da exceção, é o paradigma biopolítico para o qual ele não consegue encontrar solução. É necessário desembaraçar resolutamente o conceito do refugiado (e a figura da vida que ele representa) daquele dos direitos do homem, e levar a sério a tese de Arendt, que ligava os destinos dos direitos aqueles do Estado-nação moderno, de modo que o declínio e a crise deste implicam necessariamente o tomar-se obsoletos daqueles. O refugiado deve ser considerado par aquilo que é, ou seja, nada menos que um conceito-limite que põe em crise radical as categorias fundamentais do Estado-nação, do nexó nascimento-nação àquele homem-cidadão, e permite assim desobstruir o campo para uma renovação categorial atualmente inadiável, em vista de uma política em que a vida nua não seja mais separada e excepcionada no ordenamento estatal, nem mesmo através da figura dos direitos humanos. (AGAMBEN, 2007, p. 140).

Muitos desses refugiados estão também sujeitos à violência simbólica<sup>17</sup> contra suas identidades, perpetrada, muitas vezes, pelos próprios veículos de comunicação. Quando tratados genericamente como refugiados, sem explicações mais atentas sobre tal condição, perdem também suas identidades originárias, suas especificidades culturais e passam a ser amalgamados em um termo que os torna invisíveis. Na grande massa de refugiados perdem-se nacionalidades, etnias, religiões, gêneros, etc. Perdem-se memórias, histórias de vida, laços afetivos e todos os demais tipos de sociabilidade.

Esse é por excelência um tipo de violência muito comum quando tratamos de conflitos pós-colonialistas. Oriundos de locais inóspitos, graças a processos de

---

<sup>17</sup>A violência simbólica é entendida por Bourdieu (1999, p 7-8) como “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. Aqui Bourdieu está trabalhando com mecanismos sutis de dominação e exclusão social como, por exemplo, a generalização das características de um povo a partir de uma situação particular, no caso, a migração forçada. A condição de refugiado parece apagar o passado, as vivências identitárias. O que sobra é uma vida nua até mesmo de sentido. Essa é uma violência que nem se discute porque é tão invisível quanto aqueles que são violentados.

independência turbulentos (após longos períodos de domínio e exploração), os migrantes são solapados às reduções culturais hegemônicas que desprezam suas especificidades. São tratados como “restos do mundo” em todos os aspectos. São miseráveis não apenas em questões materiais. Seus significados também se perdem no meio do caminho ou lhes são tomados.

### 3. O Porquê do silêncio

Com o intenso avanço tecnológico, sobretudo no campo das comunicações, a opinião pública, menos do que estimular o pensamento reflexivo, passou a ser ainda mais viciada e manipulada politicamente pela imprensa preponderante em vários setores. Quando o assunto em questão toca interesses políticos hegemônicos o tratamento dado ao mesmo é quase sempre superficial ou fragmentado. Noticia-se o visível, o literal, sem uma abordagem crítica e genealógica.

No caso dos recentes deslocamentos forçados é impossível não concordar com Adorno e Horkheimer acerca do papel antidemocrático desempenhado pelos meios de comunicação de massa<sup>18</sup>, retroalimentado pela escassez do pensamento autônomo cada vez mais perceptível no mundo contemporâneo.

A cultura de massa é “uma psicanálise ao revés”, é regressiva. Para Adorno e Horkheimer, a “cultura de massa” não é nem cultura nem é produzida pelas massas: sua lei é a novidade, mas de modo a não perturbar hábitos e expectativas, a ser imediatamente legível e compreensível pelo maior número de espectadores ou leitores. Evita a complexidade, oferecendo produtos à interpretação literal, ou melhor, minimal. Assim, a mídia realiza uma “caça à polissemia”, pela demagogia da facilidade – fundamento da legitimidade desse sistema de comunicação. Adorno critica a “indústria cultural” não por ser democrática, mas por não o ser. A mídia transmite uma cultura agramatical e desortográfica, de tal forma que a educação retorna à condição do segredo, conhecimento de um a elite: “A luta contra a cultura de massa só pode ser levada adiante se mostrada a conexão entre a cultura massificada e a persistência da injustiça social”(sic) (Matos, 2005, p 62/63).

---

<sup>18</sup> Interessante assinalar que na contramão desse processo, e de forma absolutamente contra hegemônica, um transnacionalismo migratório é permeado por experiências comunicacionais que estabelecem “outros modos de vivência da cidadania, por parte dos migrantes, não apenas em âmbito macroestatal e governamental, mas sobretudo em instâncias micropolíticas do cotidiano”. (Cogo, 2012, p. 46). De acordo com as pesquisas de Denise Cogo, que aproximam os estudos de comunicação com as migrações contemporâneas, é possível perceber interações sociais e até mesmo um certo “ativismo migrante” engendrado nos usos de espaços comunicacionais, especialmente da internet. “Os movimentos migratórios têm se empenhado, em diferentes contextos, na articulação de uma cidadania ativa na luta por espaços de exercício da cidadania universal, entendida como uma instância de cidadania social que se pauta pela criação de princípios universais capazes de regerem, incluírem ou se combinarem com a diferença presentes no espaço público para além da exclusividade de pertencimentos locais, regionais e nacionais”. (Cogo, 2012, p. 46).

Em outras palavras, a saturação de imagens retratando as mazelas daqueles que desafiam o mar mediterrâneo para fugir do sofrimento em seus países, em seu acúmulo acrítico, nos impedem de entender os reais motivos de tamanha desumanidade. As notícias fragmentadas sobre os genocídios viram entretenimento que podem até comover, mas em nada contribuem para a ética e a democracia.

Qualquer redator iniciante numa empresa jornalística deve dominar a técnica de produção da notícia. Desde a universidade, o aluno de jornalismo já aprende esta técnica e a coloca em prática já nas disciplinas experimentais do curso. Ao chegar no mercado de trabalho, já sabe muito bem como editar os acontecimentos do mundo social, como ocultar verdades e como eleger fontes de informação que atendam as demandas político-editoriais dos órgãos de comunicação midiáticos (GUEDES, 2012, p 13)

No caso específico, governos autoritários, disputas de poder entre EUA e Rússia, xenofobias europeias, inércia da ONU, entre outros fatores, levam milhares de pessoas a um êxodo desesperado e perigoso, mas todos esses motivos não são pautas recorrentes de discussão nos veículos de comunicação.

A complexidade das causas internacionais das migrações compromete, no entanto, seu tratamento sob a forma de melodrama pessoal. Por outro lado, fazer referência a isso implica abrir um debate ideológico delicado, porque elas sugerem a existência no sistema econômico e social de injustiças ou de falhas que a maioria da classe política e midiática aceita como fato. Do início da década de 1970 ao meio da de 2000, enquanto a globalização neoliberal se intensificava e diversos conflitos manipulados pelos Estados Unidos tratavam a América Central a ferro e fogo, a parcela das reportagens de imprensa que mencionava fatores internacionais passou de 30% para 12%. (BENSON, 2015, p. 29)

A análise de Bourdieu sobre essa omissão é enfática ao diagnosticar a responsabilidade midiática hegemônica pelo desengajamento político fatalista favorável à manutenção da ordem estabelecida.

Todos esses mecanismos concorrem para produzir um efeito global de despolitização ou, mais exatamente, de desencanto com a política [...] A ausência de interesse pelas mudanças insensíveis, isto é, por todos os processos que, à maneira da deriva dos continentes, permanecem despercebidos e imperceptíveis no instante, e apenas revelam plenamente seus efeitos com o tempo, vem redobrar os efeitos da amnésia estrutural favorecida pela lógica do pensamento no dia-a-dia pela concorrência que impõe a identificação do importante e do novo (o furo e as “revelações”) para condenar os jornalistas a produzir uma representação instantaneísta e descontinuísta do mundo. [...]. Essa visão des-historicizada e des-historicizante, atomizada e atomizante, encontra sua realização paradigmática na imagem que dão do mundo as atualidades televisivas, sucessão de histórias aparentemente absurdas que acabam todas por assemelhar-se, desfiles ininterruptos de povos miseráveis, sequências de acontecimentos que, surgidos sem explicação, desaparecerão sem solução, hoje o Zaire, ontem Biafra e amanhã o Congo, e que, assim despojados de toda necessidade política, podem apenas, no melhor dos casos, suscitar um vago interesse humanitário. (*sic*)(BOURDIEU, 1998, p. 100/101)

Enfim, se de fato o jornalismo preponderante aliado às forças hegemônicas assim se comporta, é preciso compreender rapidamente que qualquer compromisso político que busque retomar a crítica rumo a uma transformação social, deve necessariamente ocupar-se de desvendar os processos de alienação tão bem orquestrados por essa indústria cultural, aqui representada pelos meios de comunicação de massa.

#### 4. Conclusão

Esses deslocamentos forçados representam um “tipo de evento político dos ‘novos tempos’ no qual a crise da luta inconclusa pela ‘descolonização’, bem como a crise do estado ‘pós-independência’ estão profundamente inscritas” (HALL, 2009, p. 105). As novas relações e disposições de poder que emergem nesse momento posterior a *Era do Impérios*<sup>19</sup> produzem efeitos perversos que não são retratados em sua completude pelos meios de comunicação de massa hegemônicos.

Os jornais de grande circulação, por exemplo, ao oferecerem um quadro incompleto desse problema social, reduzindo o tema da imigração a sua dimensão emocional, não apenas trabalham superficialmente com o medo ou a piedade, mas principalmente enfraquecem o poder político dos cidadãos refugiados e a democracia de forma geral.

Essa infelizmente não é uma revelação bombástica. Por certo que tal comportamento midiático não é novidade para a Ciência Social. Ainda na primeira metade do século passado frankfurtianos nos alertavam para o fato de que a racionalidade midiática preponderante é a racionalidade da própria dominação. Esse artigo apenas insiste no alerta.

Contudo importante observar que em contraponto<sup>20</sup> ao olhar frankfurtiano que vê a mídia hegemônica como formatadora da opinião pública, algumas teorias<sup>21</sup> recentes observam um certo tipo de jornalismo que se multiplica, como uma construção social capaz de não só mediar criticamente nossa compreensão sobre os acontecimentos, como, principalmente, contribuir para a criação de “espaços de cidadania comunicativa”. Enquanto forma de comunicação alternativa, principalmente viabilizada pelas redes sociais presentes na *Internet*, muitas mídias contra hegemônicas produzem

---

<sup>19</sup> Expressão consagrada por Eric Hobsbawm em seu livro de título similar.

<sup>20</sup> Aqui reforçando a harmonia e não a contradição.

<sup>21</sup> Destaque para os estudos de Dênis de Moares (2009), Liliane Brignol (2010) e Denise Cogo (2012).

uma narrativa militante e independente focada na “luta e visibilidade públicas de processos de inclusão econômica, sociopolítica, cultural e global das migrações transnacionais” (COGO, 2012, p. 62). Mais do que a evidência de uma sociedade em rede<sup>22</sup>, ou informacional, esse jornalismo, que aqui preferimos nomear como orgânico, talvez seja a mais contundente e revolucionária forma de ressignificação cultural tão defendida por Antonio Gramsci.

## 5. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor Ludwig. Educação após Auschwitz. In: COHN, Gabriel. (Org.). **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986.

4 MILLIONS de réfugiés autour de la Syrie. **Le figaro**. Edição do dia 09/07/2015. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2015/07/09/97001-20150709FILWWW00026-4-millions-de-refugies-autour-de-la-syrie.php>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ABELLÁN, Lucía. La UE fracasa en pactar el reparto de 40.000 refugiados en julio. **El País**. Caderno Internacional. Edição do dia 22/07/2015. Disponível em: [http://internacional.elpais.com/internacional/2015/07/20/actualidad/1437400557\\_214743.html](http://internacional.elpais.com/internacional/2015/07/20/actualidad/1437400557_214743.html). Acesso em: 01 set. 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: O poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. **Tempo Social**, v. 18, n. 2, 2006.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS ACNUR. **O que é a Convenção de 1951?** [s.d.]. Disponível em <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/>. Acesso em: 10/08/2016.

AMOS, Valerie. Alguém se importa com a Síria? **The Washington Post – O Estado de São Paulo**. Coluna Visão Global. Edição do dia 16/04/2015. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,alguem-se-importa-com-a-siria-imp-,1670732>. Acesso em: 19 ago. 2015.

BENSON, Rodney. Coberturas que flutuam ao sabor do calendário político: Quarenta anos de imigração nas mídias francesa e norte-americana. **Le monde diplomatique Brasil**. Nº: 235, Maio, 2015. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1874>. Acesso em: 23 maio. 2015.

---

<sup>22</sup> Expressão consagrada por Manuel Castells.



BRIGNOL, Liliane. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet**: identidades e cidadania na diáspora latino-americana. Tese. Doutorado em Ciências da Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

CERCA DE 200 IMIGRANTES podem ter morrido na mais recente tragédia no Mediterrâneo. **O Globo**. Caderno Mundo. Edição do dia 06/08/2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/cerca-de-200-imigrantes-podem-ter-morrido-na-mais-recente-tragedia-no-mediterraneo-17102076>. Acesso em: 23 ago. 2015.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latinoamericanos. In. COGO, Denise; ELHAJJI, Mohammed e HUERTAS, Amparo. **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Bellaterra: Institut de la Comunicació - Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

COMISSÃO EUROPEIA: crise de refugiados no Mediterrâneo é a maior desde a 2ª Guerra. **O Globo**. Caderno Mundo. Edição do dia 14/08/2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/comissao-europeia-crise-de-refugiados-no-mediterraneo-a-maior-desde-2-guerra-17183586>. Acesso em: 22 ago. 2015.

CONFLITO NA SÍRIA deixou mais de 220 mil mortos em quatro anos, diz ONG. In. **Folha de São Paulo**. Agence France-Presse (AFP). Edição do dia 16/04/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1617305-conflito-na-siria-deixou-mais-de-220-mil-mortos-em-quatro-anos-diz-ong.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2016.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. **Reunião extraordinária do Conselho Europeu, 23 de abril de 2015 – Declaração**. Disponível em: <http://www.consilium.europa.eu/pt/press/press-releases/2015/04/23-special-euco-statement/>. Acesso em: 20 de jun. 2016.

DEYOUNG, Karen. Humanitarian conditions worsen in Syria as more civilians killed. **The Washington Post**. Edição do dia 20/08/2015. Disponível em: [https://www.washingtonpost.com/world/national-security/humanitarian-conditions-worsen-in-syria-as-more-civilians-killed/2015/08/17/d9ad7e84-44fe-11e5-8e7d-9c033e6745d8\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/world/national-security/humanitarian-conditions-worsen-in-syria-as-more-civilians-killed/2015/08/17/d9ad7e84-44fe-11e5-8e7d-9c033e6745d8_story.html). Acesso em: 20 ago. 2015.

FEMMINE, Laura Delle. El número de refugiados sirios supera los cinco millones, según la ONU. El país. Madrid. Edição do dia 30 de mar. 2017. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2017/03/30/actualidad/1490868402\\_178024.html](https://elpais.com/internacional/2017/03/30/actualidad/1490868402_178024.html). Acesso em 12 de mar. 2016.

FRANÇA E REINO UNIDO fecham acordo para combater imigração ilegal. **O Estado de São Paulo**. Caderno Internacional. Edição do dia 20/08/2015. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,franca-e-reino-unido-fecham-acordo-para-combater-imigracao-ilegal,1748027>. Acesso em: 24 ago.2015.

GALÁN, Ravier; ABAD, José Manuel; VILLAR, Angela. El baile de cifras de losmuertosenSiria. **El país**. Madrid. Edição do dia 14/12/2016. Disponível em: [https://elpais.com/internacional/2016/12/13/actualidad/1481643811\\_024842.html](https://elpais.com/internacional/2016/12/13/actualidad/1481643811_024842.html). Acesso em 05 de ago. de 2017.

GUEDES, Viviane Marques. Theodor Adorno e Jürgen Habermas: Repertórios críticos da razão instrumental como base de análise da razão na mídia jornalística. **Revista Temática**, ano 8, n. 12, 2012.

GONÇALVES, Marina; LIMA, Carolina. Tsunami migratória: Mais de 103 mil refugiados chegaram à Europa pelo Mediterrâneo em 2015. **O Globo**. Caderno Mundo. Edição do dia 09/06/2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/tsunami-migratoria-mais-de-103-mil-refugiados-chegaram-europa-pelo-mediterraneo-em-2015-16389320>. Acesso em: 24 ago. 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** - Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Vol. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In. \_\_\_\_\_. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ITÁLIA busca sobreviventes de mais dois naufrágios no Mediterrâneo. **Folha de São Paulo**. Caderno Mundo. Edição do dia 20/04/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1618800-novo-naufragio-no-mediterraneo-deixa-ao-menos-20-mortos-diz-entidade.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2015.  
IZADI, Elahe. At least 40 migrants suffocated, died aboard boat in Mediterranean Sea. **The Washington Post**. Edição do dia 15/08/2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2015/08/15/at-least-40-migrants-suffocated-died-aboard-boat-in-mediterranean-sea/>. Acesso em: 20 ago.2015

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU) / ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS ACNUR. **ABC da ONU**. S/D Disponível em <http://www.dhnet.org.br/abc/onu/acnur.htm>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

KAPLAN, Sarah. 'Migration season' in the Mediterranean means watery graves for potentially thousands. **The Washington Post**. Edição do dia 15/04/2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/news/morning-mix/wp/2015/04/15/migration-season-in-the-mediterranean-means-watery-graves-for-potentially-thousands/>. Acesso em: 20 ago. 2015.

MAIS DE 5.800 imigrantes são resgatados no mar Mediterrâneo. **Folha de São Paulo**. Caderno Mundo. Edição do dia 03/05/2015. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1624114-mais-de-3-mil-sao-resgatados-no-mediterraneo-em-unico-dia.shtml>. Acesso em: 22 ago.2015.

MAR MEDITERRÂNEO tem recorde de mortes de refugiados, diz ONU. **Folha de São Paulo**. Agência de Notícias. Caderno Mundo. São Paulo. Edição do dia 10/12/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/12/1560633-mar-mediterraneo-tem-recorde-de-mortes-de-refugiados-diz-onu.shtml>. Acesso em: 02 mar. 2015.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. In. **Revista Matrizes**, ano 2, n. 1, 2008.

MORAES, Dênis de. Ativismo em rede: comunicação virtual e contra hegemonia. In: \_\_\_\_\_. **A batalha da mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

NAUFRÁGIO deixa 400 imigrantes africanos desaparecidos no Mediterrâneo. **Folha de São Paulo**. Caderno Mundo. Edição do dia 14/05/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/04/1616593-naufragio-deixa-400-imigrantes-africanos-desaparecidos-no-mediterraneo.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2015.

NAUFRÁGIO no mediterrâneo mata nove imigrantes palestinos e sírios. **O Estado de São Paulo**. Caderno Internacional. Edição do dia 19 ago.2015. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,naufragio-no-mediterraneo-mata-nove-imigrantes-palestinos-e-sirios,1746866>. Acesso em: 22 ago.2015.

PÉREZ, Claudia; ABELLÁN, Lucía. Líderes europeus e Turquia fecham acordo para expulsão de refugiados. **El País**. Madrid. Edição do dia 19/03/2016b. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/18/internacional/1458291556\\_389148.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/18/internacional/1458291556_389148.html). Acesso em 10 de set. 2017.

PÉREZ, Claudia; ABELLÁN, Lucía. União Europeia e Turquia chegam a acordo para expulsar refugiados. **El País**. Madrid. Edição do dia 08/03/2016a.. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/07/internacional/1457352301\\_920991.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/07/internacional/1457352301_920991.html). Acesso em 10 de set. 2017

RAMOS, Cátia Filipa de Oliveira. **A primavera árabe no Egito e na Síria: Repercussões no conflito Israelo-Palestiano**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Relações Internacionais do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.

REFUGIADOS sírios chegam a 4 milhões, diz ONU. **O Globo**. Caderno Mundo. Edição do dia 09/07/2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/numero-de-refugiados-sirios-supera-recorde-e-chega-a-4-milhoes-diz-onu.html>. Acesso em 22 ago. 2015.

SYRIE: la « barbarie » et l'« inhumanité » du régime dénoncées après les raids meurtriers sur Douma. **Le monde**. Edição do dia 17/08/2015. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/international/article/2015/08/17/syrie-la>

barbarie-et-l-inhumanite-du-regime-denonces-apres-les-raids-meurtriers-sur-douma\_4728294\_3210.html. Acesso em 20 ago.2015.

UE pede ação militar contra imigração ilegal pelo mar Mediterrâneo. **Folha de São Paulo**. Caderno Mundo. Edição do dia 11/05/2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1627527-ue-pede-acao-militar-contraimigracao-ilegal-pelo-mediterraneo.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2015

ZAVIS, Alexandra. More Than 4 Million Have Fled Syria, U.N. Says. **The New York Times**. Edição do dia 09/07/2015. Disponível em: <http://www.latimes.com/world/middleeast/la-fg-syria-refugees-20150709-story.html>. Acesso em: 20 ago. 2015.

WALTER, Roland. Entre Gritos, Silêncios e Visões: Pós-Colonialismo, Ecologia e Literatura Brasileira. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, São Paulo, v. 1, n. 21, 2012.

ZAHREDDINE, Danny. A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**, v. 4, n. 20, out./nov. 2013.